



EQUIPAS +

comunidades de prática digital

Índice

1 – Introdução / Fundamentação	3
2 - Objetivos.....	6
3 - Constituição das Equipas+	6
4 – Membros das Equipas+.....	7
5 - Carga Horária	8
6 - Espaços de trabalho	9
7 – Certificação / Registo de atividades.....	9
8 - Cronograma de implementação	10
Fase 0 – Fase piloto – 2021/2022	10
Fase 1 – Implementação – 2022/2023	10
9 - Análise SWOT	11

1 – Introdução / Fundamentação

O projeto que aqui se apresenta baseia-se no conceito amplamente estudado das Comunidades de Prática (CoP) e pretende contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de formação e de partilha nas comunidades escolares. Na proposta que passaremos a apresentar pretende-se focar as CoP no âmbito das tecnologias de informação e comunicação. Assim, por uma questão de facilidade de comunicação, chamaremos estas comunidades de prática no âmbito do digital de **Equipas+.**

A digitalização é algo transversal à sociedade, mais ou menos evidente dependendo do setor, mas uma realidade incontornável. A nossa vida pessoal está naturalmente invadida pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), sendo quase impossível imaginar o nosso dia a dia sem elas. Ainda assim, a educação é um dos setores onde as TIC ainda não conseguiram ter uma integração efetiva. Ainda é algo que uma boa parte da comunidade docente encara com receio, por não estar cem por cento segura das suas capacidades face ao uso de tecnologias digitais (ferramentas e conteúdos). A constante evolução tecnológica também obriga a um acompanhamento ativo, que muitas vezes os atores de um sistema educativo com excesso de trabalho burocrático, não conseguem fazer por falta de tempo.

Por outro lado, as escolas parecem debater-se também com falta de recursos humanos especializados para os desafios que a tecnologia impõe, no que diz respeito ao acompanhamento contante e de resposta rápida a problemas de ordem técnica que surgem diariamente.

A formação inicial de professores demonstra já preocupação relativamente à preparação dos novos profissionais para a área do digital, e a formação contínua tem em curso planos que pretendem colmatar este desfasamento tecnológico das escolas, estando muitas ações em curso no âmbito do Plano de Transição Digital (PTD). Ainda assim, estas iniciativas parecem ser insuficientes para garantir uma aprendizagem mais consistente na utilização da tecnologia em áreas disciplinares específicas, dado o cariz mais formal, a dimensão dos grupos a que são ministradas as ações e, naturalmente, o carácter transversal a vários grupos disciplinares. É preciso por isso flexibilizar o acesso à formação, oferecer oportunidades de aprendizagem mais próximas, mais informais, mais práticas, nas quais as Comunidades de Prática (CoP) podem desempenhar um papel muito importante, por terem o potencial de integrar os Planos de Ação para o Desenvolvimento Digital das Escolas (PADDE).

Segundo Alves, Queiroz & Batista (2017) o termo Comunidades de Prática “CoP” foi utilizado pela primeira vez em 1991 por Lave e Wenger, como sendo um conceito bastante abrangente, que pode ser estendido a todas as áreas onde o ser humano pode partilhar conhecimento. Em 2002, *Wenger, McDermott, e Snyder* definiram as CoP da seguinte forma: “Communities of practice are groups of people who share a concern, a set of problems, or a passion about a topic, and who deepen their knowledge and expertise in this area by interacting on an ongoing basis.” (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002, p. 4).

Na definição apresentada está implícita ideia de que uma comunidade de prática gera um espaço de formação docente, criado por um conjunto de profissionais com interesses semelhantes, caracterizado pela interação/partilha de conhecimentos com os pares, pela reflexão sobre as suas práticas profissionais e pela aprendizagem / desenvolvimento profissional. Deste modo, as CoP são espaços de formação flexíveis, abertos, participativos e autorregulados.

Em muitas situações, a partilha de conhecimento entre professores é uma mais-valia que tem resultados imediatos visíveis. É mais fácil em pequenos grupos haver um ou mais professores que estejam capacitados em determinado conteúdo e o consigam transmitir aos seus pares de forma mais eficiente.

De acordo com Wenger et al. (2002), o desenvolvimento de uma CoP passa por **5 estádios: potencial, coalescente, maturação, manutenção e transformação.**

1 – Potencial - encontrar traços comuns entre os diferentes membros;

2 – Coalescente – criação de laços, respeito, confiança;

3 – Maturação - maior interação entre os diferentes membros e preocupação crescente com o foco e com a expansão;

4 – Manutenção - alternância de altos e baixos que ilustram a dificuldade de manter a CoP ativa questionando a relevância do seu domínio;

5 – Transformação - os instrumentos e práticas de uma CoP ficam cada vez mais bem definidos, pode verificar-se tensão no que diz respeito à indefinição dos seus limites. Essa constante reinvenção, ou até um evento marcante, pode dar lugar ao seu término.

É fundamental que estes grupos surjam de forma espontânea, quando existam condições para o seu funcionamento. Segundo Alves, Queiroz e Batista (2017) “as CoP devem surgir autonomamente de forma a evitar alguns dos constrangimentos relacionados com a sua constituição em resultado de forças exteriores, criando assim um certo sentido de artificialidade” (pp. 162-163).

Neste contexto, o presente documento tem como objetivo servir de guião para a implementação e preparação de condições que favoreçam o surgimento destes grupos de partilha, informal e espontânea.

A primeira orientação é a de que as CoP surjam de forma natural, nomeadamente a partir da identificação de desafios emergentes numa comunidade de profissionais. Pretende-se desta forma estabelecer um conjunto de orientações para um funcionamento mais eficiente e bem-sucedido dentro da escola, onde muitos constrangimentos relacionados com a complexidade da comunidade escolar limitam o surgimento das CoP.

Considerando a necessidade de reforço da formação dos intervenientes na digitalização das escolas, suportada pelo Quadro Europeu de Competência Digital Para Educadores (DigCompEdu) estas equipas focar-se-ão nas temáticas das tecnologias digitais, metodologias ativas com a utilização da tecnologia, trabalho colaborativo, trabalho com projetos, utilização de aplicações, plataformas e outras ferramentas de apoio à aprendizagem, criação de REDs, etc...

Para tal é importante que os agrupamentos encontrem professores que possam ser facilitadores e líderes na dinamização destas equipas. Estes professores deverão, idealmente, encaixar-se em níveis de proficiência digital entre **C1 e C2** (ver ponto 4. e Tabela 1), segundo o definido no DigCompEdu, Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores, no contexto da Colaboração Profissional, Prática Reflexiva e Desenvolvimento Profissional Contínuo Digital (pp. 36- 41).

2 - Objetivos

- Promover uma cultura de formação nas comunidades escolares;
- Complementar a oferta de formação existente na área do digital para os vários atores das comunidades escolares;
- Promover a partilha de conhecimento sobre tecnologias digitais, especialmente entre o corpo docente das escolas;
- Proporcionar diversidade de temas de formação no âmbito da digitalização da escola;
- Proporcionar formação mais específica e direcionada às práticas de cada comunidade escolar;

3 - Constituição das Equipas+

As equipas podem ter uma lógica de constituição perfeitamente diversa. Dependendo dos temas a abordar podem ser equipas constituídas por professores do mesmo grupo disciplinar, departamento, ano, ciclo, incluindo pessoal não docente e até encarregados de educação. Esta constituição dependerá da realidade de cada escola, do seu corpo docente, dos seus membros com competências digitais, das lideranças e da disponibilidade de horários.

É muito importante que estas equipas tenham um número reduzido de participantes, podendo ser replicadas caso seja pertinente. Assim, de acordo com a constituição das equipas propomos, a título ilustrativo, um limite inferior e um limite superior de participantes.

Nível 1 – Professores do Grupo disciplinar – **equipas de 2 até 10 elementos**

Nível 2 – Professores do Departamento – **equipas de 4 até 12 elementos**

Nível 3 – Professores do Agrupamento – **equipas de 4 até 12 elementos**

4 – Membros das Equipas+

Wenger et al. (2002) referem que é irrealista esperar que todos os membros participem na CoP da mesma forma, uma que vez que as motivações pelas quais o fazem são, naturalmente, distintas.

De acordo com Lave e Wenger (2002) existem quatro níveis de participantes numa CoP. O elemento **facilitador**, detentor de uma posição de liderança, é o responsável por organizar ações, por identificar e delimitar os temas mais pertinentes a abordar e por ser o elemento agregador entre os restantes membros da equipa (Baker & Beames, 2016). Os elementos do **grupo nuclear**, que participam ativamente nas iniciativas e podem desempenhar também funções de liderança (Baker & Beames, 2016; Wenger et al., 2002). Os elementos do **grupo ativo**, que participam quase sempre nas atividades, mas não com o grau de envolvimento do grupo nuclear. E o **grupo periférico**, onde estará a maioria dos membros, por se sentirem com menos capacidades para intervir mais ativamente ou por não terem tempo para dedicar à CoP.

Os **elementos facilitadores** serão os responsáveis por partilhar o seu conhecimento com os seus pares da comunidade escolar. Poderão ser também considerados facilitadores provenientes de fora da comunidade, em casos pontuais, como parceiros de outras instituições, empresas, IES, etc...

Os facilitadores variam necessariamente entre as várias Equipas+ constituídas. Sendo o princípio base da CoP a partilha, ou seja, todos os elementos contribuirão para a aprendizagem comum, é importante que existam vários facilitadores numa comunidade.

Tentando fazer uma transferência desta estrutura para o panorama de níveis proficiência dos docentes (Tabela 1), definido no DigCompEdu, Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores, poderemos estabelecer algum paralelismo, embora o DigCompEdu estabeleça seis níveis de proficiência digital. A1 - Recém-Chegado; A2 – Explorador; B1 – Integrador; B2 – Especialista; C1 – Líder; C2 – Inovador e Lave e Wenger (2002), definam apenas 4 níveis de participação numa CoP.

Neste paralelismo dos níveis de proficiência digital DigCompEdu com os níveis de participação numa CoP, os elementos com níveis de proficiência elevados podem acabar por encaixar no Grupo Periférico ou no Grupo ativo, por não terem tempo nem regularidade de participação nas ações da CoP.

Por outro lado, e tal como referido por Baker e Beames (2016) e Wenger et al. (2002), os elementos pertencentes ao grupo nuclear, podem também desempenhar funções de facilitador.

É também importante perceber que a posição dos elementos dentro de uma CoP varia ao longo do tempo (Baker & Beames, 2016). Será esse o propósito destas equipas, enriquecer o conhecimento dos seus intervenientes para que possam servir como futuros replicadores desse mesmo conhecimento, passando de meros observadores ou exploradores, a especialistas e líderes facilitadores.

Grupo Periférico	Grupo Ativo	Grupo Nuclear	Elem. Facilitador
C2			
C1			
B2			
B1			
A2			
A1			
C2 – INOVADOR / C1 – LÍDER / B2 – ESPECIALISTA / B1 – INTEGRADOR / A2 – EXPLORADOR / A1 – RECÉM CHEGADO			

Tabela 1 – Equivalência entre grupos de participação nas Comunidades de Prática (Lave & Wenger, 2002) e os níveis proficiência dos docentes definidos no DigCompEdu (2018).

5 - Carga Horária

Estas equipas deverão ter uma carga horária específica para o seu funcionamento, estabelecer um cronograma de ações / temas a serem abordados, de acordo com as necessidades identificadas, e identificar os responsáveis que se disponibilizaram para abordar os temas e liderar os momentos de partilha.

Esta carga horária deve ser preferencialmente encaixada num bloco semanal comum a todos os membros da equipa. Deve ser encarada como o momento de encontro entre os elementos da comunidade, onde a partilha acontece.

Compete à direção das escolas organizar o horário semanal dos seus membros para que

este momento aconteça em simultâneo para todos.

6 - Espaços de trabalho

No contexto atual de generalização da tecnologia nas escolas, os espaços de trabalho serão bastante diversos, podendo incluir salas de aula comuns, bibliotecas, laboratórios, salas TIC e até os futuros espaços LED.

Estes espaços deverão ser escolhidos tendo em conta os conteúdos de cada momento de partilha, o número de pessoas presente e também os recursos necessários à ação.

Partindo do princípio que existe um horário específico para estas atividades de partilha, existirá muita disponibilidade de espaços.

Poderá também ser adotado o formato B-learning existindo momentos síncronos de encontro online por vídeo conferência e momentos assíncronos com o uso de plataformas LMS.

7 – Certificação / Registo de atividades

Tendo em conta as características das comunidades de prática é impossível pensar em mecanismos de avaliação e certificação objetivos e equilibrados. Os membros de uma CoP são membros informais, livres de participar ou não, com graus de envolvimento diferentes. No teor informal de uma CoP é que reside a sua riqueza, e nesse sentido a inclusão de um sistema de avaliação/certificação não é aplicável.

Ainda assim, será criada uma aplicação de registo destas atividades, que servirá apenas como ferramenta de acompanhamento do projeto, com vista à sua avaliação e ajuste. (para registo de atividades visitar <http://cctic.ipcb.pt>)

8 - Cronograma de implementação

Fase 0 – Fase piloto – 2023/2024

Fase 0.1 – Proposta da iniciativa piloto a alguns agrupamentos

Fase 0.2 – identificação de necessidades / formulário / Check-in

Fase 0.3 – Criação de manual de operacionalização da iniciativa

Fase 0.4 – Implementação da iniciativa nos agrupamentos piloto

Fase 0.5 – Avaliação dos resultados da fase piloto

	2023/2024									
	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
0.1										
0.2										
0.3										
0.4										
0.5										

Fase 1 – Implementação – 2024/2025

Fase 1.1 – Proposta da iniciativa aos agrupamentos

Fase 1.2 – Identificação de necessidades / formulário / Check-in

Fase 1.3 – Atualização do manual de operacionalização da iniciativa

Fase 1.4 – Implementação da iniciativa nos agrupamentos

Fase 1.5 – Avaliação dos resultados do 1º ano

	2024/2025										
	Jun	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
1.1											
1.2											
1.3											
1.4											
1.5											

9 - Análise SWOT

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> - Ambientes de trabalho informais - Flexibilidade de áreas de conhecimento - Foco nas necessidades e práticas letivas - Horário dedicado (se aplicável) - À vontade entre pares - Aprendizagem focada - Multiplicidade de momentos de formação 	<ul style="list-style-type: none"> - Inexistência / falta de professores facilitadores - Gestão complexa de grupos - Disponibilidade dos docentes - Dificuldade na gestão de horários - Limitar a inovação - Manutenção / duração - Sem certificação
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> - Uso de recursos internos dos AE - Desenvolvimento de cultura de partilha - Enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem - Enriquecimento dos PADDE 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade na partilha de conhecimentos - Desmotivação dos intervenientes - Excesso de trabalho dos docentes - Inexistência de horário dedicado

CCTIC ESE IPCB
Novembro 2021

REFERÊNCIAS

Alves, M., & Queirós, P., & Batista, P. (2017). O valor formativo das comunidades de prática na construção da identidade profissional. *Revista Portuguesa de Educação*, 30(2),159-185.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37453714008>

Baker, A., & Beames, S. (2016). Good CoP: What makes a community of practice successful? *Journal of Learning Design*, 9(1), 72-79. Disponível em:

<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1096698.pdf>

Lucas, M., & Moreira, A. (2018). *DigCompEdu: quadro europeu de competência digital para educadores*. Universidade de Aveiro.

Disponível em: https://area.dge.mec.pt/download/DigCompEdu_2018.pdf

Wenger, E., McDermott, R., & Snyder, W. (2002). *Cultivating communities of practice*. Harvard Business School Press.

ANEXOS

GRELHA DE REGISTO					
EQUIPAS + Comunidades de Prática Digital					
Professor Facilitador					
Tema Geral					
Áreas disciplinares					
Nº de participantes		Sala		Horário	___h___m / ___h___m
Nível*					

Nível 1 – Professores do Grupo disciplinar (equipas 2 até 10 elementos)

Nível 2 – Professores do Departamento (equipas 4 até 12 elementos)

Nível 3 – Professores do Agrupamento (equipas 4 até 12 elementos)

Conteúdos	
1.	
2.	
3.	
4.	

Data: ___/___/_____